

Entre próteses e prozacs

O sujeito contemporâneo imerso na descartabilidade da sociedade de consumo¹

Maria Lucia Homem²

RESUMO:

A ciência e a tecnologia, amparadas entre si e conduzidas pelo grande artífice mercado, propiciam, nos tempos atuais, correntes ininterruptas de geração de objetos: cada vez mais “novos” e “avançados” produtos que moldariam um novo ser imerso numa nova qualidade e forma de vida. Como vem discutindo a crítica – na esteira da Escola de Frankfurt e da psicanálise até os críticos da dita pós-modernidade - vivemos sob uma crescente e aparentemente inevitável mercantilização de todos os domínios da experiência humana. Como situar o sujeito contemporâneo quando tal consumismo penetra territórios até então sagrados e restritos ao âmbito do privado, como seu corpo, agora remodelado (modelagem estética), reconstruído (body building), re-instaurado (procedimentos cirúrgicos), enfim, refeito? Ou sua alma, ‘aquietada’ com produtos psicofarmacológicos, cada vez mais “eficazes” na tentativa de domesticar o medo, a tristeza e a angústia (vide o approach bioquímico do pânico e depressão, sintomas da modernidade)? Este artigo – a partir de considerações de Freud, Lacan e pensadores da cultura como Adorno e Debord – abordará tais questões, enfocando as formas de funcionamento e as consequências psíquicas e sobre a psicanálise de tal objetificação radical do sujeito, na busca infatigável de um recauchutado, potente e alegre novo ‘eu’, pobre consumidor de si mesmo.

Palavras-chave: sujeito, sociedade de consumo, mídia, objetificação, prótese

Já Freud, em "O mal-estar na civilização", apontava o inevitável fosso entre o indivíduo que busca obter prazer e a cultura que exerce a função repressora desse movimento. Deparamo-nos, assim, continuamente, com um gap estrutural que nos coloca na obrigatoriedade de um lugar de renúncia de

¹ Possibilidades de inserção nos seguintes temas e sub-temas:

Tema 4 A mediatização e o horizonte do espaço virtual

Sub-Temas:

4.b. A ética e a estética do espetáculo.

4.c. O papel homogeneizador dos meios de comunicação de massa e seu papel de instrumento na produção de subjetividades e regulador dos códigos afetivos.

Tema 5:

As subjetividades contemporâneas

gozo para podermos nos dizer humanos e civilizados, seres obedientes a uma lei que organiza o corpo social e o faz obediente a determinadas regras mantenedoras do status quo.

Mais de 70 anos depois dessas cétricas constatações, ainda nos faz sentido pensar em tal antítese inacomodável, mais próxima à estrutura lógica da dialética negativa de Adorno que a uma passível e possível superação de opostos como aventava Hegel³. O espírito talvez se encarne na história mas a pulsão não se deixa escrever tranquilamente nas tramas simbólicas da cultura. Paradoxo insolúvel que cabe ao sujeito carregar sem no entanto deixar de criar possibilidades de circulação pulsional, buscando enlaçar o objeto para sempre inatingível, objeto a que está sempre além e ao mesmo tempo sempre aquém de qualquer apreensão.

O que nos interessa aqui é, mais do que constatar essa impossibilidade de fundo sempre presente nas possibilidades construídas no dia a dia de nossas vidas e experiências clínicas, trabalhar com a lógica de mecanismos de formatação da subjetividade que hoje se vê às voltas com uma cultura que se caracteriza por, no mínimo, três pontos: o reinado quase absoluto da sagrada imagem, ápice de um processo mais amplo no qual a indústria cultural⁴ passou a reinar quase absoluta, engendrando a sociedade dita do espetáculo⁵; a objetificação crescente do sujeito e de certa maneira inevitável, irmã da mercantilização que invade todos os domínios da

² Psicanalista, São Paulo, Brasil. mhomem@usp.br

³ Cf. Hegel em sua *Fenomenologia do espírito* e Adorno em *A dialética negativa*.

⁴ Cf. Adorno e Horkheimer in *Dialética do esclarecimento*.

⁵ Cf. Guy Debord in *A sociedade do espetáculo*, retomado mais recentemente por Anselm Jappe, entre outros.

experiência humana; a fetichização que dá a sustentação da mercadoria como objeto de consumo, objeto consumível e nunca atingido, sempre pronto para ser o próximo de uma cadeia simbólica infinita e sempre mais cara. O "mito" da tecnologia se reitera sem cessar, com a continuamente reiterada promessa do "novo": menor em tamanho, maior em potência e capacidade de armazenamento de informação, a um custo aparentemente menor. A ciência aliada à lógica do consumo – e como poderia ser diferente se justamente é essa a lógica que norteia os mínimos campos da existência? Incluem-se aí os últimos redutos de uma suposta subjetividade individual, fruto de séculos de subjetivação moderna⁶: o sujeito cede à lógica mercantil e consumista os territórios outrora privatizados de seu corpo e sua "alma", seu mundo interior. Esforça-se em tornar seu corpo o espelho dos modelos vendidos como perfeitos e idealizados veiculados incessantemente pelos meios de comunicação de massa, corpo submetido à radicalidade da cirurgia mais ou menos invasiva (cujo ápice extremo talvez se encontre nas práticas exercidas sobre as pequenas chinesas que se submetem a terem suas pernas quebradas e reconstruídas artificialmente num longo processo para alcançar preciosíssimos centímetros a mais na sua altura tão aquém do padrão americanizado que nos imperializa). A "alma", não menos empobrecida, vaga de psiquiatra a livro de auto-ajuda, de programa meditativo de tv ao redemoinho alienante da indústria do entretenimento em busca de alguma paz ou anestesia, hoje quase sinônimos. Sujeito, consumidor voraz de seu próprio ser.

⁶ Cf. Luís Cláudio Figueiredo, *A invenção do psicológico. Quatro séculos de subjetivação e Matrizes do pensamento psicológico*.

No entanto, um dos engodos em questão é que o termo 'consumo' à primeira vista nos ilude e faz supor que haveria um sujeito consumidor e um objeto consumido. Estamos aí, mais uma vez, estabelecendo os dois pólos estruturais – sujeito/objeto – que embasam, mais claramente desde a modernidade, a posição do homem separado de seu objeto. No entanto, não há como não se dar conta de que essa separação sujeito – objeto fica cada vez mais amorfa diante da experiência do sujeito imerso na cultura do consumo contínuo e que não pode parar. The show must go on e a falta deve permanecer recalcada. Logo, a dialética do desejo e da falta parece claudicante: ela deveria permitir ao sujeito o se deparar, mesmo que minimamente, com a falta, para poder desejar. O que passa a se estabelecer, entretanto, é a necessidade contínua de dar cabo da falta e instaurar o novo objeto, o novo produto, o novo falo que irá imaginariamente bloquear o acesso ao vazio. Eis aí o aspecto mais árduo da descartabilidade, uma vez que obriga o sujeito a acorrentar-se a inúmeros objetos, acabando por não poder exercer seu desejo que, paralizado e perdido, coloca-o no lugar de não-ser. Seja o não-ser do não-desejo, seja o não-ser da objetificação radical. No primeiro caso temos, seguindo a trilha de Roudinesco, a sociedade depressiva⁷, mãe dessa figura amorfa que é o "não sujeito", espectro ambulante e perdido. Ele passa a ser presa fácil, por um lado, das pseudo-psico-terapias que apelam ao bom senso em jogo nas obviedades da produção de auto-ajuda ou à força de vontade inerente à uma lógica de 'reprogramação' neuro-lingüística; e, por outro, dos discursos medicalizantes e medicamentosos, formas ilusoriamente embasadas da grande mestria da

⁷ Cf. Elisabeth Roudinesco, "A sociedade depressiva" in *Por que a psicanálise?*

modernidade que é a ciência. Quanto ao mecanismo do consumo, a figura lógica do não-ser agrega-se à ilusão de sentido e de ação, transmutando-se na personagem contemporânea por excelência que é o pagante voraz e alienado: surge então o obediente consumidor preso aos modelos identificatórios, corporificações dos ideais hábil, ímplicita e explicitamente veiculados pela indústria cultural. Ou seja, tanto pela via da depressão como pela via do fetichismo, não parece restar muito ar respirável ao sujeito.

Enfim, a ciência e a tecnologia, amparadas entre si e conduzidas pelo grande artífice mercado, propiciam, nos tempos atuais, correntes ininterruptas de geração de objetos: cada vez mais “novos” e “avançados” produtos que moldariam um novo ser imerso numa nova qualidade e forma de vida. Como vem discutindo a crítica – na esteira de nosso breve percurso, da Escola de Frankfurt e da psicanálise até os críticos da dita pós-modernidade⁸ - vivemos sob uma crescente e aparentemente inevitável mercantilização de todos os domínios da experiência humana. Como situar o sujeito contemporâneo quando tal consumismo penetra territórios até então sagrados e restritos ao âmbito do privado, como seu corpo, agora remodelado (modelagem estética), reconstruído (body building), re-instaurado (procedimentos cirúrgicos), enfim, refeito? Ou sua alma, ‘aquietada’ com produtos psicofarmacológicos, prozacs cada vez mais “eficazes” na tentativa de domesticar o medo, a tristeza e a angústia (vide o approach bioquímico do pânico e depressão, sintomas da modernidade)? O sujeito tende a desaparecer, a objetificação radical alcança seu último reduto.

⁸ Ver, entre outros, Frederic Jameson e Tony Smith, que buscaram situar o pós-modernismo historicamente, como atrelado, indissolavelmente, às construções simbólicas da atual fase do capitalismo monopolista e 'globalizado'.

Se o sofrimento psíquico é, entre outros fatores, consequência daquele fosso intransponível do qual partimos entre um corpo de prazer e uma cultura que, para existir, exige o sacrifício pulsional, temos aí o mal-estar na civilização que emerge das mais variadas formas assim como os paliativos para ele. Nesse circuito pulsional infinito que se entrelaça com a cadeia simbólica também sem fim e a sucessão imaginária ininterrupta, o *corpo* é domesticado, disciplinado, transformado, obedecendo a séculos de injunções e paradigmas⁹. Nessa lógica, passa a ser, como objeto consumível e de alto valor de troca – vide a indústria da moda, dos cada vez mais jovens, magros modelos, dos cada vez mais belos e bem pagos atores, crias gêmeas da matriz de práticas e conceitos que é Hollywood – auratizado, falicizado, seja no infindável jogo de espelhos das imagens espalhadas pelos outdoors, capas de revista e telas de todas as configurações e magnitudes, seja nas academias de ginásticas, nas práticas de esportes ditos radicais, nos procedimentos estéticos, nas cirurgias plásticas. Nesse mesmo entrelaçamento real, simbólico e imaginário das diversas modalidades que se ofertam à experiência, também o psiquismo é domesticado e apaziguado – seja nas práticas discursivas pseudo-libertadoras e, portanto, pseudo-terapêuticas, como as da imensa gama das psicoterapias, seja como objeto

⁹ Tal como apontaram, entre outros, Foucault, Max Weber, Lacan. Foucault não deixa de apontar em vários de seus escritos as injunções do poder que se desenvolve ao longo da história, como *Vigiar e punir*, *A microfísica do poder* e *A história da loucura*. Max Weber situa, em *A ética protestante e o espírito do capitalismo*, o profundo processo de domesticação do corpo e do espírito submetidos à lógica do trabalho e da acumulação de capital próprias ao capitalismo em jogo. Lacan aborda a problemática do corpo, entre outros, no seminário XX, "Mais, ainda" ('Encore', homofonicamente 'Un corps').

de um certo discurso medicamentoso que transforma a subjetividade em coisa, a mente em cérebro, à la positivismo materialista¹⁰ pseudo-científico.

Alguns séculos de submissão a práticas discursivas que não fazem mais que a manutenção da dominação social do corpo e do psiquismo têm finalmente como resultado esse processo de objetificação radical do sujeito, concedendo-lhe um mínimo espaço de manobra e existência. Próteses e prozacs são a conseqüência quase natural do processo de mercantilização inevitável do capitalismo monopolista e financeiro que tudo transforma em valor abstrato, longe da esfera do ser-em-si, somente ser como valor de troca, moeda e produção, corpo, psiquismo e sujeito prisioneiros da alta performance, princípio de base da cibernética e das cultuadas 'novas tecnologias'. Fazer o máximo com o mínimo, apreender o máximo de informação à máxima velocidade para a maior e melhor produção e, tudo isso, a um suposto mínimo custo. Muito bem. Saibamos que o preço a pagar é alto e custa a densidade propriamente humana do ser, esvaziada em sua capacidade de subjetivar o mundo e, portanto, de caminhar na contramão da lógica produtiva do discurso do mestre. Se a prática narcísica do consumo¹¹ em seu espelhamento maravilhado não cessa de existir, se o entretenimento e o imperativo do gozo que lhe é correlato não deixa de ser continuamente reconfigurado pela indústria cultural, se o próprio corpo se torna objeto por

¹⁰ Vide a história dos projetos ditos científicos de psicologia e outras práticas discursivas que visavam submeter a subjetividade ao ideal cientificista vigente no último quarto do século XIX, desde Wundt a Watson, passando por Titchener, a Gestalt e mesmo o Projeto para uma psicologia científica de Freud.

¹¹ Cf. os trabalhos da Escola de Frankfurt em geral, notadamente Adorno (*A dialética do esclarecimento e Televisión y cultura de masas*) e Marcuse (*Eros e Civilização*); e ainda Christopher Lasch, em *A cultura do narcisismo* e *O mínimo eu*, assim como os trabalhos de J. Birman (*O mal-estar na atualidade*) e Jurandir F. Costa ("Narcisismo em tempos sombrios").

excelência da lógica mercadológica, fetiche inescapável, pouco resta ao sujeito propriamente dito.

Dessa forma, esse contínuo e de certa forma inevitável processo de objetificação e fetichização radical do sujeito engendra nada mais do que um arremedo de ser envolto na busca infatigável de um recauchutado, potente e alegre novo 'eu', pobre consumidor de si mesmo. Se ele não passa de um simulacro de si próprio, para ficar com um termo do nem sempre cáustico Baudrillard¹², como seria possível analisar seu discurso? Não estaria aí um problema fundamental para a própria clínica psicanalítica que não mais se depararia com seres envoltos na angústia de seus sintomas, sujeitos da queixa e da demanda, mas como simulacros alienados e distantes de uma possível histericização do discurso¹³? Em termos matemáticos, a operação de retificação na fala e de implicação no discurso, que faria vir para 'cima' da barra \$ e assim advir um sujeito, aquele que fala em análise, torna-se evento raro, para não dizer logicamente fadado à impossibilidade. Se a modernidade e seu sujeito estão em crise, a psicanálise, sua cria, também não estaria fadada a desaparecer, mesmo que por alguns séculos? Enfim, restam questões difíceis e que colocam em xeque o próprio enquadre analítico que, dentro de um projeto moderno, jamais deixou de apostar numa, mesmo que relativa, subversão do sujeito¹⁴.

¹² Vide o clássico *Simulacro e simulações* e inúmeros artigos, como "A significação da publicidade".

¹³ Cf. Lacan, seminário XVII, "L'envers de la psychanalyse".

¹⁴ Cf. Lacan, "Subversão do sujeito e dialética do desejo", in *Escritos*.

Bibliografia

- Adorno, T. W. *Televisión y cultura de masas*. Buenos Aires: Lunaria, 2002.
- _____. *Dialéctica Negativa*. Madrid, Taurus, 1986.
- Adorno, T. W. & Horkheimer, M. (orgs.). *Dialética do esclarecimento*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.
- _____. *Temas básicos da sociologia*. São Paulo: Cultrix, Edusp, 1973.
- Baudrillard, Jean. *Simulacros e simulações*. Lisboa. Relógio D' Água. 1991.
- _____. "Significação da publicidade". In Lima, Luiz Costa (org.). *Teoria da cultura de massa*. São Paulo: Paz e Terra, 2000.
- Birman, J (org.) *Percursos na história da psicanálise*. Rio de Janeiro: Liv. Taurus Ed., 1988.
- _____. *Mal-estar na atualidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999.
- Costa, J. F. "Narcisismo em tempos sombrios" . In: Birman, J. (org.). *Percursos na história da psicanálise*. Rio de Janeiro: Liv. Taurus Ed., 1988.
- Debord, G. *A sociedade do espetáculo*. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.
- Figueiredo, L.C. *A invenção do psicológico. Quatro séculos de subjetivação*. São Paulo: Educ/Escuta, 1992.
- _____. *Matrizes do pensamento psicológico*. Petrópolis: Vozes, 1991.
- Foucault, M. *História da loucura*. Perspectiva, São Paulo, 1977.
- _____. *Vigiar e punir*. Vozes, Petrópolis, 1987.
- _____. *Microfísica do poder*. Graal, 5ª ed., Rio de Janeiro, 1985.
- Freud, S. "O Mal-Estar na Civilização" (1930). *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1976.
- Hegel, G.W.F. *Fenomenologia do Espírito*, Vozes, 1992.
- Jameson, F. *Pós-modernismo. A lógica cultural do capitalismo tardio*. SP. Ática. 1996.
- Jappe, A. *Guy Debord*. São Paulo, Vozes, 1999.
- Lacan, J. *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.
- _____. *Le séminaire. Livre XVII. L'envers de la psychanalyse*. Paris: Seuil (col. Le Champ Freudien), 1991.
- _____. *Le Séminaire. Livre XX. Encore*. Paris: Seuil (col. Le Champ Freudien), 1975.
- Lasch, C. *Cultura do narcisismo*. Rio de Janeiro: Imago, 1983.
- _____. *O mínimo eu. Sobrevivência psíquica em tempos difíceis*. 4ed. São Paulo: Brasiliense, 1987.
- Marcuse, H. *Eros e Civilização*. 6ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1975.
- Roudinesco, E. *Por que a psicanálise?* Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.
- Weber, M. *A ética protestante e o espírito do capitalismo*, 11ed. São Paulo: Pioneira, 1996.